

Carolina
Bellico

**PAIS E FILHOS
EM
ISOLAMENTO**

PANDEMIA OU PANDEMÔNIO?

*Acesse ao Webinar na íntegra
pelas mídias da Escola de Pais do Brasil”.*



PAIS E FILHOS EM ISOLAMENTO

Pandemia ou pandemônio?

Autora

Carolina Bellico



E-mail: carolinabellicopsicanalista@gmail.com

SUMÁRIO

	Pag
SOBRE CAROLINA BELLICO	2
AGRADECIMENTOS	3
INTRODUÇÃO.....	4
ONDE ESTAMOS?	5
O QUE MUDOU PARA AS CRIANÇAS?	6
O FATOR COMPLICADOR	7
PANDEMIA OU PANDEMÔNIO?	7
O QUE FAZER?	8
O NAMORO NA PANDEMIA	10
INCLUINDO AS CRIANÇAS	11
O DESAFIO DIGITAL	12
CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
BIBLIOGRAFIA	17

SOBRE CAROLINA BELLICO



Carolina Bellico.

Psicóloga, Psicanalista.

Mestre em Psicologia pela UFMG, área de concentração Estudos Psicanalíticos.

Membro efetivo e professora do curso de formação Círculo Psicanalítico de Minas Gerais.

Clínica presencial e on-line com crianças, adolescentes, pais e adultos.

Supervisora de psicanalistas em formação.

Palestrante

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à Escola de Pais do Brasil- Seccional BH, que me convidou para fazer uma palestra sobre este tema.

Este *ebook* foi produzido a partir das ideias desenvolvidas nesta ocasião e agora é carinhosamente compartilhado com os participantes presentes no dia 12 de abril de 2021. Por outro lado, outros pais ou educadores que se veem diante das mesmas situações cotidianas aqui trabalhadas também poderão se beneficiar do seu conteúdo.

INTRODUÇÃO

Um ano de COVID, um ano de distanciamento social, um ano com as famílias em casa ...

Oportunidade jamais tida de aproximação verdadeira, entre tapas e beijos, gritos e sussurros, amores e rancores.

Mas se chegamos até aqui, somos resistentes e temos toda condição de sermos cada vez melhores - pais, filhos, amantes, profissionais. Sem idealizações e perfeições, claro, afinal somos humanos.

Contudo, se conseguirmos olhar nos olhos, apurar os ouvidos antes de reagirmos e abriremos nossos corações para uma relação verdadeira, já será um grande passo!

Acredito em nós!

Acreditem em vocês!

Carolina Bellico

ONDE ESTAMOS?

No dia 18 de março de 2021, fez um ano que foi decretado o isolamento social em função da pandemia da Covid-19 – e de repente nossas vidas entraram por uma vereda inusitada sem amigos, sem familiares, sem auxiliares, sem ninguém fora do núcleo familiar mais próximo. Passamos a viver *online*, sem o menor preparo para isso, sem a presença, sem o cheiro e sem o calor dos corpos. Nossos trabalhos, hobbies, encontros com amigos, tudo de repente passou a ser intermediado pelas telas dos computadores, tablets e celulares. E, detalhe, não fomos consultados se estávamos preparados para isso, se saberíamos lidar com os equipamentos eletrônicos, plataformas e mídias sociais e se queríamos tudo isso! A situação nos foi imposta pela necessidade de preservar nosso bem maior, a saúde e defender nossas vidas contra um inimigo invisível – um vírus extremamente letal!!

Posso dizer que vivemos uma situação traumática, como ensina a Psicanálise, pois nada do que tínhamos estudado, visto ou experienciado havia nos preparado para este corte brutal e radical em nossas relações, em nossas vidas. Nada nos havia preparado para o inferno que veio a seguir – o uso político da Covid, a desinformação, o medo e a falta de cura conhecida. Tudo isso foi alimentando nossa insegurança e angústia.

Aquilo que acreditávamos que seria coisa de um ou dois meses, se tornou um ano que se arrastou e minou a esperança de muita gente. Fomos pegos desprevenidos, despreparados financeira e emocionalmente, sem referências anteriores e com pouco recurso para falar do que estava acontecendo. Daí podermos dizer que vivemos uma situação traumática, no sentido que a psicanálise dá ao termo. Como diz, Colette Soler, uma grande psicanalista francesa contemporânea:

(...) “o traumatismo é um dos nomes dados à desgraça quando ela vem de fora, sem que se possa imputá-la ao sujeito que sofre suas consequências e seu pavor inesquecíveis” (Soler, 2004, p.46)

Ou seja, numa vivência deste tipo, o inusitado nos cai sobre a cabeça, sem nenhuma antecipação e, conseqüentemente sem qualquer chance de preparo, nos pegando desarmados, sem recursos para enfrentar a angústia que se instaura como consequência. O pior é que isso passa a fazer parte do nosso cotidiano.

O QUE MUDOU PARA AS CRIANÇAS?

Se conosco, adultos, foi e é assim e com as crianças?

Elas também perderam o contato diário com colegas, professores e amigos e se viram obrigadas a um isolamento do mundo tal como o conheciam. Aturdidas e tomadas pelo medo e ansiedade do que virá depois, principalmente agora com o aumento do número de casos e de mortes. Além disso, sensíveis ao que acontece aos pais, percebendo a preocupação e angústia deles, elas estão mais ansiosas e têm tido vivências de desamparo.. É como se inconscientemente pensassem: se papai e mamãe que são grandes e fortes estão com medo, o que será de mim? Quem irá me proteger?

Devemos nos lembrar que os recursos internos, mentais e psíquicos de uma criança e até mesmo de um adolescente são diferentes daqueles dos adultos tidos como maduros. A maturidade se relaciona com a experiência e ponderação adquiridas através das vivências ao longo da vida, e crianças e jovens estão em processo de construção deste estado, e desta forma, menos preparados para enfrentarem uma crise desta estirpe.

Todavia, um ser humano, adulto ou criança, não é igual ao outro – eles são singulares em função da diferença de seu psiquismo, de sua história e relacionamentos; conseqüentemente as respostas frente a crise são diversas. Mas de um modo geral, por um motivo ou outro, todos se ressentiram e ainda se ressentem contra a limitação do espaço, do contato, enfim da liberdade. Afinal, uma coisa é escolher estar em casa ou com amigos, outra coisa é ser obrigado a ficar em casa, bombardeado por notícias catastróficas, vendo minguar a esperança por dias melhores.

O FATOR COMPLICADOR

Como fator complicador eu acrescentaria um que afeta a toda família: a necessidade de dividir o mesmo espaço, 24 horas por dia – pais filhos, pets e auxiliares, às vezes em espaços que passaram a ser percebidos como minúsculos, claustrofóbicos. Todos vendo e ouvindo todos, sem intervalo, sem um tempo para respirar, sem privacidade. Todos em casa, trabalhando ou estudando *online*, trombando uns nos outros. E isso faz uma enorme diferença!!

-Puxa Carolina, me dizia um cliente de 11 anos!! Lá em casa está um inferno – todos querem saber o que todos estão fazendo e a cobrança não tem fim!! Minha mãe quer que eu estude o tempo todo e que meu pai ajude na cozinha; meu pai quer que eu seja útil em vez de ficar no computador e que minha mãe não atrase as refeições.

Ao que pergunto: **e você, o que quer?**

- Paz, sossego e minha vida de volta!!! – é a resposta que recebo deste e de muitos outros sujeitos, todos querendo de volta o direito de ir e vir, o seu espaço íntimo, privado, enfim suas vidas tal como a conheciam – coisa que nos parece tão longe...

PANDEMIA OU PANDEMÔNIO?

Podemos dizer que, de certa forma, as vidas de boa parte das famílias, se tornou um pandemônio nesta pandemia, devido ao medo, à angústia e à ausência de espaço entre os seus membros; tanto físico quanto temporal. Não é possível “dar um tempo” após uma discussão ou briga, sair e dar uma volta para espairecer, ou encontrar com amigos para falar e pensar no ocorrido, ou até em outras coisas. Tropeça-se no outro todo o tempo e as pessoas se ressentem disso. No processo de “dar um tempo”, é possível a reflexão e

ressignificação de conflitos com abertura para a assumpção de responsabilidades e possibilidade de reparação ou perdão do outro.

Podemos dizer que, como resultado disso, muitas pessoas passaram a empilhar conflitos não resolvidos e mágoas, com resultados frequentemente catastróficos. Instaurou-se uma grande dificuldade de diálogo e resolução de problemas que, em alguns casos, culminou em separações e divórcios. Segundo os dados da Agência Brasil foi registrado pelos cartórios um aumento de 18,7% nos divórcios consensuais entre os meses de maio e junho de 2020. Contudo sabemos que nem todas as separações são consensuais e, em alguns casos, envolvem a disputa pelo afeto e guarda dos filhos, distribuição de renda, bens, etc, trazendo um quadro desolador na dissolução das famílias.. Perdem os adultos, perdem as crianças...

O QUE FAZER?

A melhor maneira de evitar este extremo ainda é o respeito e o velho e bom diálogo, franco, aberto, no qual cada um olha para dentro de si e assume suas responsabilidades e erros, sem ser desrespeitado por isso. Neste isolamento que temos vivido, o respeito se faz ainda mais necessário, pois nada mais desencorajador para uma conversa de abrir a alma para o outro, do que uma pessoa tripudiar sobre a outra que falhou, através de humilhações e zombarias. É necessário jogar fora falas do tipo: “você é sempre assim”, “eu sabia, eu tinha certeza”, ou “você fez de novo”.

Sabemos que os nervos andam à flor da pele e a agressividade, está difícil de ser contida. Desta forma, o risco das pessoas perderem o controle ou de faltarem umas com as outras, é sempre muito grande. Todos andam pagando por tudo e por todos. Daí a necessidade de maior cuidado com as palavras e atitudes.

Está nervoso ou ficou com raiva? Reflita sobre o ocorrido longe do fogo da paixão, peça um tempo antes de responder ou conversar sobre um assunto polêmico, principalmente com os seus filhos. Tem palavras que ferem mais do que surras e marcam profundamente a alma...

Uma das maneiras de evitar *stress* e cobranças é criar e respeitar uma Rotina. Todos na família precisam ter uma rotina, mais do que nunca, pois, o fato de estar em casa favorece e muito às procrastinações, o famoso, ‘depois eu faço’, tanto de crianças, quanto de adultos que acaba por atropelar o tempo que se tem disponível para o lazer, além de irritar aquele que tem que esperar.. É necessário um tempo para tudo. Hora de trabalhar, de ler, de estudar, de fazer as refeições, de namorar... ah!! Refeições e namoro, dois tópicos que merecem um pouco de nossa atenção.

As refeições muitas vezes são um fator de desgaste nas famílias pois, ensinar crianças e jovens a ter uma alimentação saudável, nem sempre é tarefa fácil. Além disso, por estar em casa, às vezes as pessoas acabam comendo mal, demais ou se esquecendo de comer e até de tomar água. E como todos olham para todos, não adianta cobrar de uma criança comer o que é bom para a saúde, se você não o faz. O tal do exemplo neste momento de isolamento em casa, se faz mais necessário do que nunca. E os filhos sabem cobrar... ‘você não faz, porque eu tenho que fazer?’

E aí? Qual a solução? Apelar para o autoritarismo, do tipo ‘eu sou adulto e você é criança’? Não aconselho.

Temos que entender que as crianças também aprendem e muito por identificação e que, quanto menores são, mais os pais são modelos para elas, mais elas se miram em seu exemplo e querem ser parecidas com eles. Lembrem-se que, no momento da primeira infância, vocês estão plantando as sementes que florescerão mais tarde como caráter, personalidade, pensamento crítico e bons hábitos. Quando as crianças crescem fica mais difícil...

Para os pequenos, os pais são verdadeiros ídolos e sua tendência é segui-los e fazer tudo o que eles fazem. Como nos lembra Freud no livro *Mal-estar na Cultura*, a “identificação é a forma mais originária de ligação afetiva com um objeto” (Freud, p.141). As crianças gostariam de “ser” como os pais e passam a tomá-los como modelos. Contudo, paulatinamente, a vitrine se

amplia e novos ídolos aparecem - outros familiares, professores, amigos, todos fontes de inspiração, todos objetos de identificação.

Da próxima vez, antes de cobrarem horário das refeições e diversidade de alimentos no prato, façam uma reflexão: O que estão visando ao fazer isso? A saúde dos seus filhos ou mais uma implicância para liberar a tensão? Todos os adultos estão sujeitos a este tipo de descarga feita no outro e, como diz o velho ditado, 'a corda sempre arrebenta do lado mais fraco', neste caso, o da criança. Agora caso a resposta seja a saúde, é necessário sensibilizar o seu filho para a importância deste e daquele alimento, chamando a atenção para a diversidade de cores, sabores e aromas. Lembrando que quanto menor a criança, mais lúdica deve ser a conversa, sempre recheada de estorinhas, tendo em mente que forçar a comer não vai resolver muita coisa e ainda pode criar um ambiente de animosidade para o resto do dia...

O NAMORO NA PANDEMIA

Quanto ao namoro, gostaria de começar com uma reflexão: o que é namorar? Sexo? Muitas vezes os dois são confundidos, principalmente após o casamento. Sabemos que o sexo é importante, desestressante, reenergizante, etc, mas namorar é mais do que o ato sexual em si e, para que este ocorra de maneira prazerosa, outras coisas têm que acontecer.

Numa consulta rápida ao Dicionário vemos definições de namorar como: "inspirar amor à, apaixonar, cativar, atrair, seduzir". Pensando bem, além dos amantes, os amigos, confidentes e companheiros também podem se apaixonar pelas ideias de alguém, podem admirar e se sentir cativados pelas ações e atraídos e seduzidos pela presença. Desta forma o namoro vai além do sexo, passando também pelo companheirismo, pela amizade, pelo respeito e pela admiração. O sexo coroa tudo com o corpo realizado numa relação estimulante.

E no isolamento, como fica tudo isso?

Uma coisa é certa, o casal precisa de espaço e tempo para si. A parceria, o carinho, o cuidado e a amizade podem e devem estar presentes o tempo todo numa troca de olhares cúmplices, no toque especial das mãos, na admiração, nos elogios, etc; tudo isso alimenta o casal e o prepara para as intempéries da vida. O sexo, por demandar maior privacidade, neste momento em que estamos carente desta, exige criatividade e muito desejo do casal para que aconteça. Mas uma coisa é fato: sem os outros ingredientes do namoro a chama do desejo aos poucos se apaga. Não seria esse um dos fatores por trás de tantos divórcios neste momento?

Por outro lado, os casais são compostos por indivíduos que não podem e nem devem perder suas características singulares por estarem casados. Desta forma, além de investir no casal é importante resgatar algo da individualidade também, fazendo alguma coisa que vocês possam gostar de fazer sozinhos, algo que lhes dê prazer e que os reabasteça de energia. Leituras, caminhadas, ouvir músicas, ver filmes e séries é a escolha de muita gente. Por outro lado, Yoga, ginástica, danças, podem ser incluídas também nas rotinas e acontecer com o auxílio do Youtube. Mexer o corpo nestes momentos de *stress* é muito importante pois além de liberar as tensões nos traz uma cota de prazer. Afinal não podemos nos esquecer de que também somos corpo!

INCLUINDO AS CRIANÇAS

As crianças podem querer participar, tudo bem, porém é importante separar um momento só pra você e para isso é necessário o revezamento entre os parceiros – enquanto um desestressa o outro cuida dos filhos. Dedique a elas outros momento de brincadeiras com o corpo, no pátio, na garagem, no quarto. Não tem espaço? Pulem corda, pulem cadeiras, rolem no chão, montem barracas com lençóis e cadeiras e acampem na sala, no espaço que tiver. Sejam criativos e, acima de tudo, tentem se divertir com elas. Tudo ficará mais fácil.

Além disso vejam filmes, leiam histórias, desenhem, pintem, contem casos de sua infância, compartilhem segredos. Isso em torno de uma bacia comunitária de pipoca, ou mexido ou bandeja de sanduíches no chão da sala pode virar um gostoso *picnic*.

Mas não se perca de seus amigos, eles são alimento para alma, então cultive suas amizades no Mundo Digital. Outro dia ouvi de um pai de família que ele continuava tomando sua cerveja com os amigos todas as sextas... *online*. Cada um em sua casa com sua cerveja e tira-gosto e o bate-papo rolando. Foi a saída que esta pessoa encontrou para desestressar. É igual a estar no boteco? Nunca, mas é uma solução possível para o problema.

O DESAFIO DIGITAL

Outra coisa, aprender a lidar com o Mundo Digital é mais do que uma sugestão, é uma necessidade. Ele veio pra ficar, mesmo após a pandemia. Abandoná-lo seria um retrocesso, uma vez que ele traz vantagens e oportunidades enormes de estudo, trabalho, comunicação à distância, pesquisa, consultas, etc (aliás, esta palestra para pessoas de todo Brasil só foi possível graças a comunicação *online*). Mas é necessário aprender e a ensinar às crianças e jovens a usarem as ferramentas digitais e tirar delas aquela pecha de ser apenas para lazer e diversão; elas são muito mais do que isso. Sim, é preciso encarar este recurso como coisa séria, parte do dia a dia e, para isso, torna-se urgente aprender a resistir à tentação de dar uma olhadinha nas mídias sociais durante o trabalho ou de dar uma jogadinha no nosso tempo dedicado às crianças.

Eu fui do tempo das Enciclopédias Barsa e Delta Júnior e adorava pesquisar, principalmente na segunda. Só que levava horas até chegar no meu verbete pois os temas e as ilustrações me atraíam enormemente e eu adorava saber. O resultado desta pesquisa procrastinadora era uma briga certa com minha mãe e chegar atrasada na escola.

Imagem como isso acontece hoje – você é uma criança e vai ao Google pesquisar sobre o Dinossauro, digita a palavra e vários *links* aparecem

em sua tela e, você vai ter que escolher um ou dois de qualidade e que lhe tragam o material que você precisa pois são centenas de *links*. Digamos que você é uma criança cuja professora, para encurtar o caminho, tenha lhe indicado um ou dois *sites* para sua pesquisa, mas ao abri-los, outros também interessantes saltam aos seus olhos e você fica louco para entrar... fora isso, já teve que vencer a tentação de não jogar, de não responder às mensagens que não param de pular na tela, de não saber a última fofoca sobre o seu artista preferido ou de algum colega da escola, ou ainda o ultimo *post* sobre o jogo que tem amado jogar, e por aí vai.... Serviço monstro de resistência à tentação, daí ser necessário muito treino, disciplina e concentração. Para isso, a intervenção ou supervisão de um adulto, é de extrema importância (mas não se esqueçam da estória do exemplo a ser dado).

Por outro lado, sabemos que alguns adultos têm dificuldade de limitar o uso desta tecnologia, principalmente dos celulares. Eles passam às vezes, horas, entretidos e esquecidos da vida, a ponto de inúmeras vezes os filhos se queixarem de não conseguir conversar com a mãe ou com o pai, pois eles estão sempre no celular – seja no Instagram, no WhatsApp ou Facebook. Quando interrompidos ficam bravos e exigem serem deixados sozinhos. Isso fora os jogos...

Contudo sabemos que, assim como existem pais sem limites no uso das mídias, existem aqueles que se declaram “analfabetos digitais”, que têm penado um bocado para auxiliar os filhos em suas tarefas e aulas *online*. Outros são extremamente resistentes com frases feitas do tipo “isso não é para mim, pelo menos nesta vida”. E por fim, surgiram aqueles que toparam o desafio e correram atrás de aulas com profissionais, com amigos e até com os próprios filhos, e têm tentado se virar. Dentre estes existem alguns que gostaram tanto a ponto de começarem uma carreira digital.

Assim, o alerta que faço sobre a questão do Mundo Digital se dirige a todos, adultos e crianças. Julieta Jerusalinsk junto com outros autores(2017) nos alertam para este fenômeno da modernidade – as chamadas “intoxicações eletrônicas”. Ele se relaciona ao uso compulsivo de jogos virtuais e games por

parte de crianças e adolescentes que têm passado muito o tempo em frente às telas jogando. Isso tem ocorrido para grande desespero dos pais que, na maior parte das vezes, perdem o controle da situação e se vêm frente à insistência às vezes desesperada dos filhos. Resposta do tipo “peraí tô na melhor parte do jogo” ou só mais um pouquinho” implicam às vezes em horas e horas que, em alguns casos vão pela madrugada a dentro. Para fazer frente a esta situação, limites precisam ser estabelecidos e respeitados, combinados precisam ser feitos e cumpridos. Não existe outro jeito.

No caso das mídias sociais temos percebido que muitas vezes, elas vêm funcionando como interlocutores e espelho que dizem o quanto o sujeito está bem. Só que é mais fácil ser legal, interessante, bonito, corajoso por trás das telas protetoras do que na vida real, face a face com o outro. Porém, no caso das crianças esta situação é complicada pois, é através deste confronto de extrema importância para o estabelecimento do laço social, do relacionamento com o outro, que ela aprenderá a dar, receber, esperar, pedir, compartilhar. Pois é com o Outro que se aprende a falar do sofrimento, a compartilhar angústias e alegrias, a ouvir e lidar com as críticas sem se dismantelar e a respeitar regras.

Além disso, tudo é mais fácil na realidade virtual dos jogos e mídias sociais onde a morte é cancelada e a vida é restaurada, onde as regras são passíveis de serem burladas sem maiores consequências para o sujeito pois quem arca com o resultado é um personagem. É mais fácil por trás das telas, onde se pode ser bonito, charmoso, vencedor ou um invejoso disfarçado de crítico e detonador.

- “*Face, Face* meu, tem alguém mais interessante do que eu?”

- Ah depende. Quantos *likes* você conseguiu com o seu *post*?

Por outro lado, esse relacionamento através das telas começou bem antes da Pandemia. O que assistimos hoje é um aumento exponencial do uso das mesmas. Muitos já evitavam a espontaneidade no contato pessoal, mas se soltavam no virtual. Muitos buscavam os seus dois minutos de fama. Muitos

buscavam relações passíveis de serem idealizadas pela ausência dos corpos, e por isso mesmo, algumas vezes fadadas ao fracasso.

No caso de crianças a situação não é melhor. Pois, para se acalmarem, têm sido colocadas, cada vez mais cedo, em contato com celulares e tablets, as novas babás eletrônicas. Ali elas se distraem, não choram, se aquietam e até substituem os pais por um tempo. Onde estão os brinquedinhos que costumávamos dar aos pequenos para entretê-los, isto é, para eles se terem entre presenças e ausências da mãe? Essa troca de humanos por eletrônicos não é sem consequências para o sujeito em constituição.:

Duncker (2017) afirma que “(...)o primeiro sinal de intoxicação digital é a experiência de ausência de si, o sentimento de que a criança perdeu sua capacidade de estar com os outros” p.131 . Fiquem pois alertas aos sinais: afastamento do contato com o outro, longas horas em frente às telas, descumprimento de atividades, agressividade, perda de horas de sono, insônia, etc.

Reforçando o que disse anteriormente, não tenho nada contra o Mundo Digital com seus jogos e mídias sociais; ele é bom, necessário e veio para ficar, porém precisamos nos educar e educar nossos filhos para usufruir dele de maneira saudável. Do contrário corremos o risco de ter uma geração adoecida, sem condições de tomar decisões e muito imatura. Isso na melhor das hipóteses, pois a OMS alerta para um risco de saúde mental, tanto que reconheceu o vício em games como um transtorno de saúde mental, incluindo-o no próximo CID, a ser publicado em janeiro de 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, gostaria de lembrar que não sabemos ao certo quanto tempo ainda teremos que levar nossas vidas isolados em nossas casas, bombardeados por notícias manipuladas, manipuladoras e desanimadoras, com pouca ou nenhuma privacidade, rezando para ter vacinas para todos. Por outro lado, este isolamento nos ofereceu esta, que é uma oportunidade única

para conhecermos melhor uns aos outros e usufruir da companhia daqueles que amamos. Aproveitemos pois esta chance e façamos dela um momento de crescimento e fortalecimento de laços afetivos!

Lembremos que as grandes invenções são respostas a grandes problemas! Façamos o que, enquanto humanos, sabemos fazer de melhor – criemos!!

BIBLIOGRAFIA

Dicionário Aurélio da Língua portuguesa (app)

Duncker, C. Intoxicação digital infantil (117-145), IN *Intoxicações eletrônicas – o sujeito na era das relações virtuais* org. Ângela Baptista e Julieta Jerusalinsk – Salvador: Ágalma, 2017.

Freud, S. O mal-estar na cultura IN Cultura, Sociedade e Religião – O Mal-estar na Cultura e outros escritos da coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud. Ed. Autêntica (versão digital)

Jerusalinsk, J. *Intoxicações eletrônicas – o sujeito na era das relações virtuais* org. Ângela Baptista e Julieta Jerusalinsk – Salvador: Ágalma, 2017.

Soler, C. Trauma e fantasia, p. 45-60 in *Stylus* (revista de Psicanálise da Assoc. dos Fóruns do Campo Lacaniano), n. 9, out.2004